

PERSONALIDADES DE 2017 OS DESTAQUES DO ANO

PABLO JACOB



Premiados. Vencedores do Faz Diferença posam com o troféu após a cerimônia na noite de quarta-feira realizada no Copacabana Palace

O Brasil só será um país menos desigual e que valoriza a diversidade se investir no poder transformador da educação. A mensagem deu o tom dos discursos dos homenageados na 15ª edição do Prêmio Faz Diferença, iniciativa do GLOBO, em parceria com a Firjan. A professora Joana D'Arc Félix, escolhida a Personalidade de 2017, emocionou em seu discurso. **PÁGINAS 9 a 11**



Prêmio
*faz***DIFERENÇA**
O GLOBO

O reconhecimento do poder transformador da educação



Prêmio
faz DIFERENÇA
O GLOBO

Homenageados destacaram papel da escola na construção de um Brasil inclusivo e menos desigual. Combate ao racismo e à intolerância também deram o tom da noite

Brasileiras e brasileiros que se destacaram em suas áreas de atuação em 2017 compartilham uma receita para o futuro do país: a educação. Só criando oportunidades para as novas gerações o Brasil se tornará um país menos desigual, que respeita a diversidade, valoriza a cultura e a ciência e rejeita males como o racismo e a intolerância, temas que também dominaram os discursos da maioria dos homenageados na noite de quarta-feira, na 15ª edição do Prêmio Faz Diferença, no Copacabana Palace.

Iniciativa do GLOBO, em parceria

com a Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan), a premiação refletiu o consenso, com professores entre os principais destaques do ano que passou. A docência e o impacto da escola na vida da sociedade modelaram histórias vitoriosas e inspiradoras, como a de Joana D'Arc Félix, Personalidade de 2017; a de Heley de Abreu, que teve 90% do corpo queimado e morreu para salvar crianças no incêndio criminoso da creche de Janaúba, em Minas Gerais; e a de Roberto de Oliveira Ferreira, que fez da música um escudo para seus alunos durante tiroteios, no Rio.

— Acima de tudo, penso em formar pessoas — afirmou Roberto.

Ao receber o prêmio na categoria Educação, Cláudio Marques Neto, diretor da Escola Municipal Infante Dom Henrique, na Zona Norte paulistana, lembrou da importância de uma escola pública ser agradada:

— É uma prova de que o sistema público de educação também pode fazer a diferença ao acolher alunos de diversas origens étnicas e socioeconômicas. Num mundo em que a intolerância impera, conseguimos provar que é possível fazer a diferença pelo respeito.

O biólogo Sérgio Lucena, premiado em Ciência, ressaltou o papel do ensino para o avanço e a transformação social:

— A melhor vacina contra a ignorância é o conhecimento. Precisamos ver a Ciência como a forma de o Brasil se tornar realmente grandioso.

O combate ao racismo também deu o tom do evento. Os atores Bruno Gagliasso e Giovanna Ewbank, vencedores em Diversidade, emocionaram-se ao lembrar da denúncia de ataques à filha, Titi.

— Hoje, não adianta não ser racista. Precisamos ser antirracistas para fazer a diferença — ressaltou Bruno. ●

Trajetória de luta, superação e vitória

Cientista premiada, Joana D'Arc Félix dá aulas e exemplo

Aos 54 anos, Joana D'Arc Félix é a prova viva de como a educação é capaz de mudar vidas: sua trajetória é, do começo ao fim, uma série de obstáculos superados graças a oportunidades que não foram desperdiçadas. Filha de uma empregada doméstica e de um operário de uma fábrica de curtume de Franca, interior de São Paulo, a pesquisadora teve, aos 4 anos, a chance de estudar, graças a um empurrãozinho da empregadora da mãe, que não acreditou ao vê-la ler perfeitamente naquela idade e a levou a um colégio da cidade.

Aos 6, no entanto, viveu pela primeira vez o preconceito, dentro da própria sala de aula — um mal que a acompanhou ao longo de toda a vida. Hoje, a cientista premiada voltou ao ponto de partida: é docente e pesquisadora na Escola Técnica Estadual Professor Carmelino Corrêa Júnior, na mesma Franca, onde agora vê crianças e adolescentes com poucas oportunidades tornarem-se cientistas.

— Conheci o racismo ainda muito nova, quando ouvi da diretora do colégio que 'pessoas do nosso nível nunca seriam nada na vida'. Apesar de pública, era uma escola muito elitizada, onde havia o lugar do pobre. Naquele dia não quis mais voltar para a escola, mas meu pai me disse: "Você vai estudar e um dia mostrará para esta diretora que você vai ser alguém na vida" — relembrou.

Chorou em seguida, ao compartilhar, com uma plateia igualmente emocionada, outros episódios de racismo, como quando recebeu chutes e empurrões de alunos que perceberam que seu sapato era remendado:

— Eu era uma criança.

PRECONCEITO NOS EUA

Desde então, ela seguiu à risca o conselho do pai: entrou na **Unicamp** aos 14 anos, terminou o mestrado aos 19, e, aos 25 anos, passou para um pós-doutorado em Harvard, nos EUA. Não sem mais percalços. Durante o ano em que estudou em uma pequena cidade americana da Carolina do Sul — berço da Ku Klux Klan —, reviveu o racismo.

— Ali eu vi o que é ser invisível. Nas poucas vezes que saí de casa para ir a uma lanchonete, fui tratada pela atendente como se eu não fosse gente por ser negra. Ela sequer me olhou e serviu meus dois colegas na mesa — lembrou, contando que sabia das dificuldades



Emoção. Joana D'Arc Félix, personalidade de 2017, relembrou a trajetória difícil mas vitoriosa e inspiradora, durante entrega do Prêmio Faz Diferença

que enfrentaria na cidade. — Não me arrependo. Foi justamente lá que surgiu o convite para meu pós-doutorado em Harvard. Se eu tivesse desistido, isso não teria acontecido na minha vida.

Por problemas familiares, ela acabou voltando para Franca — em um ano, perdeu a irmã e o pai. Resolveu então que era hora de devolver tudo que havia conquistado. Desde 2004, Joana se dedica a ensinar jovens como ela, na cidade onde nasceu. Conseguiu bolsas de Iniciação Científica para grande parte dos alunos. E, de lá para cá, em parceria com os estudantes, registrou 15 patentes nacionais e internacionais, além de colecionar cerca

de 70 prêmios nacionais e internacionais. — Para combater a evasão escolar, tento despertar o espírito de investigação nos alunos. Lá, mostro que é possível pensar e aprender além da sala de aula. Que a bolsa de Iniciação Científica é melhor que o Bolsa Família.

UM ESPELHO PARA OS ALUNOS

Além de professora, Joana inspira e serve de exemplo. Em 2016, foi procurada por um pai que disse que sua filha de 16 anos deixou de ser prostituta graças aos projetos científicos. No ano seguinte, uma mãe lhe contou que o filho largou a vida de traficante porque queria ser pesquisador.

— Os dois acabaram de passar no vestibular da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, estão estudando Química e agora serão cientistas. Há poucos dias, soube que três ex-detentos da Fundação Casa (antiga Febem) querem estudar na minha escola e desenvolver projetos comigo — comemorou, aplaudida. — Hoje, sei que esse (dar aulas) foi o melhor caminho que tomei. Essa é a força da educação que transforma vidas. As dificuldades são muitas, mas nós educadores temos a obrigação de trabalhar e cultivar o talento desses jovens, que serão os políticos, médicos e engenheiros que farão a diferença no futuro. ●



Joana D'Arc Félix
Cientista e professora

As dificuldades são muitas, mas nós, educadores, temos a obrigação de cultivar o talento desses jovens, que serão políticos, médicos e engenheiros que farão a diferença no futuro

Para combater a evasão escolar, tento despertar o espírito de investigação nos alunos. Mostro a eles que é possível pensar e aprender além da sala de aula. Que a bolsa de Iniciação Científica é melhor que o Bolsa Família

Conheci o racismo ainda muito nova, quando ouvi da diretora que 'pessoas do nosso nível nunca seriam nada na vida'

Em uma cidade nos EUA, aprendi o que é ser invisível por ser negra